

Nota editorial

Não ir na onda — correr contra o tempo

Jorge Bento

A função de Director da RPCD impõe que fale acerca de algo que faça sentido no actual momento. Seria fácil abordar o ímpeto, que uns dizem *reformista*, fracturante e estruturante e outros chamam *destrutivo*, aniquilador e alienante; e que consome, há 3-4 anos, muitas das nossas energias e se salda, por enquanto, em esperanças não confirmadas e em frustrações muito pesadas.

Olha-se para o país e ele parece um organismo fadado, cansado de existir. Perante a descrença na possibilidade de conseguir um presente à altura da grandeza do seu mais exaltante passado, entregou-se à desilusão e depressão. Caiu no conformismo e no pasmo; tudo lhe é indiferente. A hora é dos agentes da desclassificação e indiferenciação culturais e civilizacionais, do relativismo, do vale tudo e da destruição do corpo social, da sua arquitectura e dos seus contratos. Só falta legalizar também o incesto! Sim, porque a sua proibição foi o primeiro acto constitutivo de cultura, que, daí em diante, consistiria para sempre em separar o homem e o animal, em inserir no mundo 'natural' divisões, distinções, critérios, valorações e classificações que não são atributos da natureza, mas reflectem a diferenciação e os conceitos civilizadores impostos pela prática, pela actividade e pelo pensamento humanos. Destruam tudo quanto ainda afirma a condição humana; será quase nula a resistência! Já são poucos os que enfrentam o politicamente correcto; demais os heróis são hoje escassos, a coragem minguou e a vocação para mártir passou à história.

Cesso aqui o reparo; não vou seguir por aí. *Alea jacta est*: os dados estão lançados e não vale a pena chorar mais o leite derramado. Quem quis pôde tomar posições nos momentos em que importava e não era

cómodo assumi-las. Mas esse tempo passou; ser corajoso e crítico agora, numa altura em que as decepções são muitas e se expressam em voz alta, não é sinal de exemplar comportamento ético, mas antes de um oportunismo vil.

Vou tentar cumprir a obrigação, sem me prender muito à formulação precisa de um tema que presida a algumas derivações em dó maior.

1. Nos nossos ouvidos ressoa, todos os dias, uma música celestial com termos tais como: criatividade, flexibilidade, adaptabilidade, abertura, reforma, mudança etc. Estas palavras enlevam, porém camuflam as suas genuínas intenções. Convidam a aderir ao veloz e voraz e rejeitar o estável e durável, a apreciar o frenesim e desdenhar da reflexão, a optar por ligações e compromissos frouxos e ligeiros que a toda a hora possam ser abandonados. Rebaixam a defeitos e factores de prejuízo os saberes sólidos, o vínculo e a fidelidade ao profundo e consistente, as atitudes e actos louváveis, as habilidades e virtudes confiáveis. E promovem a mais-valias e requisitos desta hora a disposição para destruir o que está feito e quem o fez, o apego ao volátil e superficial, ao movediço e postiço, às aparências e simulações, ao efémero e supérfluo, ao instantâneo e fugaz, ao plástico e reciclado. O que agora vale é a propensão para flutuar de posições e opiniões, prescindir de visões do mundo, confiar na desordem e espontaneidade, aceitar como inevitável a desagregação da sociedade e das suas instituições, encarar a novidade como progresso, a precariedade como valor, a instabilidade como imperativo, o hibridismo como identidade. O acento tónico não é posto na *educação*, por ser atribuição do Estado, mas sim nas *aprendizagens*, por serem obrigação dos indivíduos. São estes que

devem adquirir as que constam da ementa oficial do mercado, se quiserem acompanhar a moda e não ser deitados pela borda fora. De resto nesta nossa sociedade de consumo, as pessoas precisam de se submeter a uma constante remodelação, para que não lhes suceda o mesmo que acontece às roupas e não fiquem obsoletas. O mesmo é dizer que têm de orientar a sua vida para o consumo, sendo elas mesmo transformadas em mercadorias, como regista Zygmunt Bauman¹.

Os *sucessos* garantidos por aquele tsunami da facilidade são evidentes: certificados de destruição de utopias e ideais, produção em série de identidades com duradoura infantilidade, de especialistas sem espírito e de *indigentes culturais*, metidos entre palas e varais, presos ao vazio e alienação do presente e sem noção e inquietação para o futuro. Eles poderão vir a conhecer a fartura e os arrotos materiais, mas dificilmente escaparão à companhia permanente da pobreza, do fastio e cansaço espirituais.

Afinal é tudo lógico e coerente. Todo o enredo do mercado e do consumo funciona cada vez mais em redor da produção de atrações e seduções, procurando que os sujeitos não cortem nunca a linha de chegada da corrida atrás de novos desejos e, muito menos, da sua satisfação. No fundo nada deve merecer a paixão forte e longa do consumidor. Este tem que estar sempre pronto a trocar o alvo da sua fixação. Ou seja, a lógica e a cultura nuas e cruas da sociedade de consumo implicam e baseiam-se muito mais no *esquecimento* do que na *aprendizagem*.

Atente-se bem nisto! Estar em movimento, mudar a toda a hora, não é sinónimo de mal-estar, mas uma proposta de bem-aventurança. Assim como a resposta é o final azarado da pergunta, a satisfação seria o azar, a limitação e o cansaço do consumidor. Antes de mais este deve ser mantido num estado de excitação incessante e perpétua inquietude, visando viver sensações ainda não experimentadas.

2. Obviamente não estou a falar no Processo de Bolonha. (Ou será que estarei?!) Estou a falar sobretudo do convite para aderirmos a uma mobilidade que nos confina, se formos atrás das loas que a adornam. Lançados num vasto e desconhecido mar, sem cartas de navegação e com bóias de sinalização inexistentes ou submersas ou mal visíveis, temos duas opções: ou nos atiramos para a frente empolgados

pela jubilosa promessa de novas descobertas ou nos pomos a tremer do medo de morrer afogados. São estas as alternativas, porque não é realista e não adianta procurar refúgio num porto seguro. Assim apenas temos as duas opções e não podemos contar com ninguém. Estamos sós e não há passageiros entre nós; todos somos tripulação. Logo o sucesso da nossa escolha depende da qualidade da embarcação e da firmeza, ousadia, coragem e clarividência dos marinheiros. Quanto mais resistente a nau, menos razão para temer o mar caprichoso e revoltoso. E maior será a probabilidade de vencer a distância, se para tanto ela contar com a dedicação empenhada e esforçada e a lucidez da visão e decisão dos marinheiros. Se estes aproveitarem a oportunidade para ser heróis e não caírem na tentação da cobardia. Não temos meios e instrumentos para intervir de maneira planeada na realidade, nem para escapar aos efeitos da conjuntura neoliberal. Mas temos a obrigação de transmitir ferramentas, métodos e saberes para a compreender a ela e às suas causas e consequências perversas, para a enfrentar e recusar. Para reavivar o passado imanente no presente e encher este de futuro.

Ora isso obriga-nos a não ir na onda. Porventura fazendo de conta que vamos, mas indo sempre do outro lado, nem que ele pareça ser o de fora. Ensinando a dedicação ao trabalho, o apego emocional às instituições, o sentido e espírito de corpo, a gratificação nos resultados duramente alcançados, o envolvimento pessoal num ambiente de labor porfiado. Colocando as relações e conexões diante das desagregações, a serenidade diante do frenesim, a cultura diante da frivolidade, a profundidade diante da superficialidade, as convicções diante das tentações, os princípios e valores diante dos interesses e manhas, a humildade diante da arrogância, a probidade e sensatez diante da agitação e estardalhaço, a perseverança diante da desistência, a filosofia diante da imbecilidade, a substância diante da vacuidade, a espiritualidade diante da futilidade, a dignidade diante da baixeza, a superação diante da resignação, a simplicidade diante da presunção, a sinceridade diante da falsidade, a verdade diante da mentira, a nobreza diante da vileza, a essência diante da aparência, a civildade diante da venalidade, a responsabilidade diante da leviandade, a força da firmeza

diante da cedência à fraqueza, o estudo diante da preguiça, a disciplina e o esforço diante da folia e do *carpe diem*, o brio e pundonor diante do abandono e desleixo, a procura diante da sorte, o mérito cimeiro diante do nivelamento rasteiro, o conhecimento diante da ignorância, a dúvida diante da certeza, a admiração diante do pasmo, a discrição diante da exibição, a correção diante da simulação, a luz diante da escuridão, a liberdade diante da servidão, a autonomia diante da dependência, a sanidade diante da demência, a sabedoria diante da irracionalidade, a lucidez e a decência diante da ligeireza e maledicência, o carácter diante da habilidade, a tranquilidade diante da deriva, a legalidade diante dos jeitos, os deveres diante dos direitos, a modéstia diante da vaidade, o comedimento diante da excentricidade, a alvura diante da sujidade, o trigo diante do joio, as normas e regras diante do regabofe e laxismo, a frontalidade diante do calculismo, a verticalidade diante do oportunismo, a ética e deontologia diante do relativismo, a autenticidade diante da hipocrisia, a lealdade e fidelidade diante da traição, a amizade diante da intriga, a rectidão diante da esperteza, a palavra corajosa diante da cobardia ardilosa, a honra e integridade diante da desonestidade e imoralidade, a sensibilidade diante da brutidade, a solidariedade diante da indiferença, a humanidade diante da animalidade.

Mas... é necessário tudo isto? Não vejo outra solução. Ademais não nos basta a esperança, por ser um sentimento ambivalente. Pode brotar dela o optimismo para ultrapassar a tristeza e a desgraça do presente e para confiar na vinda de um futuro risonho. Mas pode, do mesmo jeito, convidar ao conformismo e comodismo, à demissão e passividade, à aceitação daquilo que nos aflige, a não agir, a esperar e a entregar-se à lotaria do que há-de vir, sem nos mobilizarmos activamente para vencer o que nos afronta e buscar o que nos falta.

3. Os primeiros tempos de experiência do Processo de Bolonha – que prometi não abordar, embora não me canse de gritar que o rei vai nu – produziram já sinais e resultados que não podemos deixar de tomar em conta, porquanto contradizem os fins expressos, mas mostram aqueles que não são ditos e subjazem à proposta economicista, escondida na massa bolognesa.

Como disse Kissinger, ninguém caminha pelos seus próprios pés para a sepultura. Por isso mesmo, temos que aprender a lição e alterar o cenário. Tal como foi até agora, não pode ser. O nosso intuito e destino são iguais ao lema do desporto: *citius, altius, fortius!* Revêem-se na elevação e altura e não no abai-xamento e rasura. É nessa direcção que os nossos passos devem avançar, firmes, determinados e justificados pela experiência consciencializada. Como dizia Nietzsche, devemos fugir do gorduroso odor ao estábulo, isto é, da manada, a sete pés. Para não nos deixarmos contaminar.

Também não poderemos deixar de ter em conta as exigências da FCT e de cumprir os padrões e figurinos de produtividade que ela impõe. Mas isso não nos obriga a enterrar as bitolas axiais do Humanismo e do Iluminismo e a desvalorizar o conhecimento de orientação. Nem a deitar fora o património da língua portuguesa e a cometer a estultice de abater o nível elevado que a Faculdade usufrui na respectiva comunidade. O equilíbrio entre os dois pólos é desejável e possível.

Sabemos bem que a ciência, seja no silêncio dos laboratórios, seja nos conhecidos e badalados centros de investigação e reflexão, está a ser despida dos grandes ideais e fins, em proveito dos meios; e é convertida em mera técnica. Simultaneamente altera-se radicalmente a noção de progresso que antes a animava. Não se orienta tanto por finalidades transcendentais; está sujeita ao império do *paradigma produtivista*, visa sobretudo igualar e superar, tanto quanto possível, a concorrência em números e citações, apresentar a toda a hora dados alterados, segundo os normativos em moda e face ao contexto constantemente mutante. Ajuda assim a impor este e serve o interesse e a voracidade de um mercado em permanente e febril ebulição. Ela é fim em si mesmo, segue um imperativo de produção consumista, em obediência a ditames semelhantes aos da selecção natural de Charles Darwin. Não se trata mais de dominar a natureza ou aconselhar a sociedade em função da liberdade e felicidade, mas apenas de competir, uma necessidade de proveniência exógena, isto é, imposta de fora pela obrigação absoluta de ‘progredir ou perecer’.

4. Perante este quadro é curial renovar algumas afirmações.

Esta Faculdade alcançou identidade e notoriedade, à escala nacional e internacional, como Escola de formação e investigação no sujeito plural do desporto, com um perfil que a distingue das suas congéneres. É isso que deve continuar a ser - a Faculdade de Desporto – tanto no plano de estudos como no objecto de investigação e reflexão, combinando e valorizando devidamente a competência, a mestria e a diversidade de contributos que a sua missão comporta. Ignorar tal singularidade ou tirar à Faculdade a devida e conquistada autonomia, fundindo-a com outras numa unidade maior, isso seria trair o seu legado, cercear as suas potencialidades e amputar a Universidade de um forte braço da sua internacionalização. Porque é indiscutível que a Faculdade tem a seu crédito um elevado capital neste capítulo. Retomemos, pois, com redobrado afincamento a nossa disciplina básica, que tem sido e deve continuar a ser a da corrida. Contra o destino e contra a compressão que nos espreita. Temos que comer o pão ganho com o suor do rosto. Não vivemos mais no paraíso e deixamos que os ventos do mal se evadissem da Caixa de Pandora e fustigassem a nossa vida. Temos que correr e porfiar para contornar esses ventos, para os voltar a reunir e manter sob nosso controle. Conhecemos o barro de que somos feitos, mas somos igualmente animados pelo fogo do céu. Somos de carne frágil, mas temos uma alma aberta à grandeza de sonhos e ideais. Corramos, portanto, contra o conformismo e o comodismo, contra a preguiça e a indolência, a desídia e a sonolência, a insuficiência e o auto-contentamento. Não nos basta o que vemos e somos, queremos e precisamos de ir mais além. Corramos para fora e para dentro de nós. Para chegarmos mais fundo e longe e ficarmos mais próximos da nossa singularidade: de seres errantes e peregrinos à procura de uma forma que nos transcenda e defina como humanos, quase divinos, quase perfeitos, quase felizes. Corramos para nos afastarmos do que nos diminui, ameaça e persegue e para nos abeirarmos daquilo que não temos e é o mais necessário, o mais valorizado, o ético e o estético, o mais bonito que tanto nos atrai. Para entregarmos esse testemunho e passarmos a outros o gosto, o apego e afeiçoamento à árdua e exigente tarefa de correr, à longa caminhada que doravante lhes toca fazer, mesmo sabendo que

podem chegar à meta exaustos e tombar para o lado. Estar parado é andar para trás e olvidar que as velas ardem até ao fim. Corramos, pois; tanto quanto possível, cúmplices e juntos e dando o nosso melhor! Corramos com alegria, porque a tristeza é um vício que leva a achar que geme o vento que na nossa vida canta. Sejam portadores de alegrias para nós e para os outros! É esta a essência da nossa missão.

¹ Bauman, Zygmunt (2008): *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.